

Depoimentos dos alunos

Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?

(9º ano)

Rapariga (9º ano/Vila Real/nível 4): *Pelo comportamento; maneira de estar na sala de aula; trabalhos de casa; testes, mas pouco.*

Rapaz (9º ano/Vila Real/nível 2): *Vendo aquilo que eu faço durante o período: comportamento, participação, empenho, trabalhos de casa, testes.*

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 5): *Por um conjunto de avaliações*

pequenas como os testes, os trabalhos de casa, o comportamento, a assiduidade e a atitude na aula.

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 2): *Através do que fizemos ao longo do período — comportamento, trabalhos de casa, assiduidade, participação e dos testes.*

Rapaz (9º ano/Porto/nível 5): *Essencialmente pelas médias dos testes, pelo comportamento e pela participação na aula.*

Rapaz (9º ano/Porto/nível 2): *Pela avaliação de parâmetros: comportamento, trabalho nas aulas, testes, assiduidade, pontualidade.*

Rapariga (9º ano/Lisboa/nível 4): *Através dos conhecimentos que os alunos mostram nos testes e trabalho na aula.*

Rapaz (9º ano/Lisboa/nível 2): *Tudo começa com os testes, depois há também o comportamento, a assiduidade e o desempenho nas aulas.*

A percepção que os alunos do 9º ano têm sobre os procedimentos avaliativos desenvolvidos pelo seu professor é em tudo idêntica ao que já tínhamos encontrado nos alunos do 6º ano. Por outras palavras, verifica-se uma grande convergência na forma dos alunos entenderem os processos avaliativos e a identificação da diversidade de dimensões consideradas nesses mesmos procedimentos.

Esta convergência de opiniões entre o 6º e o 9º ano poderá eventualmente ser explicada por uma certa homogeneidade nos discursos avaliativos dos professores destes dois níveis de ensino que, de acordo com a organização do sistema educativo, apresentam características muito mais próximas, quando comparados com o 1º ciclo, nomeadamente, funcionarem no mesmo estabelecimento de ensino, no tipo de currículos, e na natureza quantitativa da informação de final de período.

É, contudo, de chamar a atenção para a voz de dois alunos que hierarquizam a importância das diferentes dimensões que contam para a nota final, atribuindo maior peso aos testes.

Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?

(11º ano)

Rapaz (11º ano/Vila Real/nota 18): *Principalmente os testes (é sempre a principal fonte); actividades práticas e relatórios; e todo um trabalho diário na aula de Matemática.*

Rapariga (11º ano/Vila Real/nota 7): *Pelo nosso comportamento; se fazemos os trabalhos de casa; pela nota dos testes e dos relatórios de grupo; e pelas nossas capacidades e aptidões.*

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 17): *Eu sei exactamente como o professor faz, porque nos mostra como é. Tem uma tabela onde estão as notas*

dos testes, os trabalhos de casa, a participação, a assiduidade; depois usa uma fórmula e depois ajusta conforme estou a progredir ou a regredir.

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 10): *Através da participação na aula, dos testes, pontualidade, assiduidade e dos trabalhos que manda fazer.*

Rapariga (11º ano/Porto/nota 16): *Notas dos testes, participação nas aulas. Pelas capacidades de raciocínio e de cálculo que são demonstradas.*

Rapariga (11º ano/Porto/nota 8): *Pela participação nas aulas e pelos testes.*

A avaliação não se tem restringido apenas a testes, tem sido mais global.

Rapaz (11º ano/Lisboa/nota 19): *Atribui 80% aos testes, 10% a fichas e 10% à participação na aula.*

Rapariga (11º ano/Lisboa/nota 8): *Através de uma análise do conhecimento do aluno tendo em conta as percentagens que dá aos testes, trabalhos realizados na aula e participação.*



Continua a verificar-se uma semelhança nas opiniões expressas pelos alunos, já anteriormente referida no 6º e 9º anos. Contudo, parece poder afirmar-se que os alunos do 11º ano têm uma ideia mais esclarecida e pormenorizada sobre a forma como os procedimentos são desenvolvidos pelo professor (aluno que descreve a existência de uma fórmula e outro que indica as diferentes percentagens).

Para além de uma ideia de múltiplas fontes de informação, tal como se tinha verificado anteriormente, agora de forma mais vinculada é possível encontrarem-se alunos que diferenciam o nível de importância das diversas dimensões enunciadas, atribuindo maior peso aos testes.

Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?

(Síntese)

De acordo com as respostas dadas pelos alunos podemos afirmar que o processo desenvolvido pelo professor para chegar a um juízo avaliativo não constitui um *mistério*. É algo sobre o qual os alunos têm ideias, muitas vezes relativamente vagas quanto à forma como são concretizadas, mas suficientemente claras para as poder explicitar.

Encontramos um elevado consenso sobre a forma como os alunos pensam acerca dos procedimentos que os professores utilizam para chegar à nota final de período, pelo menos entre os alunos do 6º, 9º e 11º anos. Enquanto no 4º ano a explicação dominante se baseia fortemente na relação entre a nota e a quantidade de erros, nos anos seguintes parece haver uma ideia mais globalizante na produção das notas finais. É a partir do 6º ano que se encontram referências a diversas dimensões que são consideradas pelos professores para a atribuição de uma nota final: as notas obtidas nos trabalhos realizados na aula ao longo do tempo, muito em particular os testes; o comportamento do aluno face ao professor (disciplina) e face à escola (assiduidade, pontualidade); e o nível de resposta aos pedidos específicos do professor (participação, trabalho de casa, trazer material, ...). Muito embora haja uma certa unanimidade em termos do enunciado destas dimensões, como seria de esperar, é no 11º ano que parece encontrar-se uma maior clarividência ao nível da sua concretização, dos seus usos e dos seus pesos relativos.

Nos trabalhos realizados ao longo do tempo o que sobressai são essencialmente produções realizadas de modo individual e escritas. Se por um lado, tal parece coerente com a associação que os alunos fazem destas produções aos testes (momentos formais de avaliação, de natureza individual e escrita), por outro, leva-nos a questionar qual o valor que é assinalado aos alunos do trabalho em grupo e das capacidades de comunicação oral, aspectos estes considerados como importantes nas orientações curriculares do ensino da Matemática, em qualquer nível de ensino.

Embora no 4º ano, o erro assumia uma função estritamente contabilística, a associação entre a nota e a quantidade de erros desaparece por completo nos anos seguintes, dando lugar a uma visão mais global, mas provavelmente mais difusa, da forma como os professores chegam à nota final. Ora, deste modo, a avaliação produzida não parece poder ser vista ou servir aos olhos dos alunos como um momento reflexivo sobre o seu estado, em termos dos seus conhecimentos. O contributo da avaliação é assim nulo no que concerne à ultrapassagem ou superação das suas dificuldades. Note-se que nestes anos, a grande generalidade dos alunos não fazem referência às actividades matemáticas que vão desenvolvendo nas suas experiências matemáticas. Para eles, falar-se em avaliação é falar-se de instrumentos ou de dimensões. A avaliação não contribui, pelo menos de forma explícita, para a identificação do que é ou não importante na aprendizagem da Matemática. Poder-se-á, mesmo perguntar, o que há de particular nas respostas dos alunos que reportam ao facto de se ter referido na pergunta o professor de Matemática?

Finalmente, a imagem que os alunos traduzem sobre o processo de atribuição de notas no final do período é a de um processo que cabe inteiramente ao professor. Não surgem referências de nenhuma ordem sobre a co-avaliação, e mesmo a auto-avaliação está praticamente omissa. Tal facto pode levar-nos a pensar que estas práticas, hoje assumidas, tanto nos normativos de avaliação, como nas orientações curriculares para o ensino da Matemática, estão ainda pouco generalizadas ou que, embora desenvolvidas, não surgem aos olhos dos alunos como verdadeiramente importantes para a decisão final do professor.

Leonor Santos
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Jorge Pinto
Escola Superior de Educação de Setúbal